

POESIA, GALERA!

POESIA, GALERA!

© Nicolas Behr, 2024

Seleção José Rezende Jr. e autor
Design Gabriel Menezes (gabrielmenezes.com.br)
Capa Nicolas Behr
Foto Truman Macedo
Revisão Meire Lisboa
Código QR Miguel Reis

ISBN 978-65-01-03376-1

Contatos com o autor
www.nicolasbehr.com.br
paubrasilia@paubrasilia.com.br
[@nicolasbehr](https://www.instagram.com/nicolasbehr) (Instagram)

Caixa Postal 9550
CEP 70.040-976
Brasília-DF

Agradecimentos especiais à Malu Mader
que dá voz a estes poemas

POESIA, GALERA!

Antologia escolar

Nicolas Behr
Brasília
2024

A superquadra é do tamanho do mundo

José Rezende Jr.

Quem souber levanta a mão:
O que é poesia, galera?
Para o poeta Nicolas Behr, tudo é poesia:
a comida esfriando no prato... algo que
ele viu na rua... algo que ele não viu na
rua... Até ônibus errado pode ser poesia.

Muita gente não concorda. Que nem
o estudante que abordou o poeta na
saída de uma bate-papo e disse: "Falta
poesia na sua poesia".

Falta mesmo, galera?

Bom... Se você acha que poesia tem
que só falar de amor, tem que ter rima...
Então, sim, falta poesia na poesia do
Nicolas. O que sobra é provocação, iro-
nia, porrada. Tipo:

*brasília é isso mesmo
que você está vendo
mesmo que você
não esteja
vendo nada*

Vocês devem estar pensando: "Ah, isso é poesia? Então até eu faço. É simples".

Aí é que vocês se enganam. É muito complicado ser simples. Na poesia, é mais fácil complicar do que simplificar, escrever versos que só o autor entende (e às vezes nem ele rsrs). Difícil é fazer um poema simplesinho, que nem aquele do gaúcho Mario Quintana, um dos poetas preferidos do Nicolas:

*Todos esses que aí estão
Atravancando meu caminho,
Eles passarão...
Eu passarinho!*

Bom, então a gente já sabe que poesia não precisa ser difícil, que não precisa ter rima... Mas... A poesia pode ou não pode falar de amor?

Claaaaaro que pode, galera! O próprio Nicolas vive falando de amor – não por uma pessoa, mas por uma cidade chamada Brasília, pela qual o poeta morre de amores – e de alguns desamores também.

Nicolas fala muito das superquadras, como vocês verão nas próximas páginas. Porém, quando ele fala das superquadras de Brasília, ele está falando do mundo. "Canta a tua aldeia e serás universal", disse o romancista russo Leon Tolstói.

Para o poeta, o corpo pode ser o Plano Piloto, mas a verdadeira alma de Brasília está nas periferias (ou "periferidas" como ele diz num dos poemas).

Então... Bora ler e fazer poesia, galera!

José Rezende Jr., escritor

dedico este canteiro de obras,
este jardim-operário,
aos esquecidos de deus
que construíram esta cidade
de Brasília e que, um dia,
construirão comigo, em sonho
e sem dor, a cidade de Brasília

brasilía nasceu de um gesto primário:
dois eixos se cruzando,
ou seja, o próprio sinal da cruz

como quem pede bênção
ou perdão

inventar palavras
é inventar lugares

ailisarb
braxília
brasilfada
brasilírica
brasilinhas
brasilien-se

brax ilha não

arquipélago
da imaginação

BRASÍLIA

origem: obscura
criador: desconhecido
fundação: sem registro
localização: indefinida
área: não especificada
língua oficial: burocratês
relevo: não revelo
idade: antropoceno
sexo: hermafrodita
cidade-irmã: braxília
preferências: anexos em separado
regime político: autarquia hereditária
cidade planejada: improvável
atividade econômica: não identificada
lugar-comum: rodoviária
submersa: sim
estilo arquitetônico: barroco
maior poeta: se enforcou com a fita métrica
cidade lendária: com certeza

obs: sem observação

não tente gostar
de Brasília
tão rápido assim

blocos de verdade
sobrevivam
superquadras
imaginárias

superquadras
à procura de uma cidade

três da madrugada no eixão

sem ter pra onde ir
sem ter pra onde correr

gritar não vale
morrer não adianta



todos os erros
de Brasília
são meus

tolerar
outras Brasília
e explodir apenas
a cidade
onde a palavra
mágica é tabu:

abracadabraxília

quero a dor
dessa cidade
pra mim

tailandeses, persas, caldeus,
vândalos, libaneses, arameus,
mexicanos, anambés, lituanos,
croatas, cambojanos, kayapós,
sumérios, vietnamitas, krahôs,
angolanos, turcos, etruscos, suecos,
hunos, sudaneses, chilenos, macuxis,
romanos, celtas, nepaleses, visigodos,
mouros, estonianos, franceses, tupis,
eslovenos, colombianos, assírios,
japoneses, astecas, argentinos,
egípcios, tupinambás, gregos, peruanos,
irlandeses, guaranis, bizantinos,
ciganos, cananeus, pigmeus, chineses,
obás, macedônios, vikings, tamoios,
armênios, coreanos, drusos, belgas,
gauleses, incas, bascos, húngaros,
etíopes, baianos, iraquianos, dórios,
xavantes, espanhóis, babilônios,
portugueses, atlântidas, apaches

todos tentaram construir Brasília,
mas só os candangos conseguiram

deste império cerratense, desta
solidão, deste palácio que em breve
se transformará em ruínas, lanço meu
olhar cansado mais uma vez sobre os
escombros do meu país e antevejo uma
alvorada que não chega nunca, com
uma raiva danada e uma desconfiança
enorme no eterno país do futuro

VOZES DO CERRADO

brasília, brasília,
onde estás
que não respondes?!

em que bloco,
em que superquadra
tu te escondes?!



os candangos comiam bolinhos
de cimento, mastigavam barro,
bebiam suco de tinta com argamassa,
respiravam poeira,
cuspavam brita,
babavam cascalho,
choravam areia,
urinavam lama,
defecavam concreto

e transpiravam esperança

subo na caixa d'água
de ceilândia
e lá de cima
eu vejo o sertão

do cariri ao carinhanha

euclides da cunha desafia
guimarães rosa a provar
que antônio conselheiro
conheceu lampião

padre cícero
entra na discussão

conheceu não
conheceu sim

conheceu adão
conheceu caim

imagine
brasília
não-capital
não-poder
não-brasília

assim é braxília

SUPERQUADRAS

na entrada
um quebra-molas

e uma banca
de jornais

blocos blocos blocos
blocos blocos
blocos blocos blocos
blocos blocos blocos

o poema
é área pública
invadida
pela imaginação

melhor do que viver
é viver em Brasília

cidade-amada
cidade-mamada
cidade-mimada
cidade-mamata
cidade-matada

o arquiteto endeusado
o poeta banido
jk decapitado

a graça para sempre perdida

pssss

silêncio
ao adentrar
a superquadra

antes de ser
matéria compacta
este pilotis
que você toca
foi sonho

toque com cuidado

para não acordar
Lucio Costa



subo aos céus
pelas escadas rolantes
da rodoviária de Brasília

o corpo de Cristo
aqui não é pão,
é pastel de carne

o sangue de Cristo
aqui não é vinho,
é caldo de cana

o padroeiro desta cidade
é dom Bosco ou padim Ciço?

jk voltará glorioso, coberto de asfalto,
poeira e lama, vestindo o manto
de plumas dos tupinambás

na mão esquerda a espada de São Jorge
e na direita o tacape de Cunhambebe,
provocando assim a ira de Iansã
e a inveja do saci-pererê

SQS415F303
SQN303F415
NQS403F315
QQQ313F405
SSS305F413

seria isso
um poema
sobre Brasília?

seria um poema?

seria Brasília?

PLANETA RODÔ

ônibus espacial
viagem interestelar
cidade-satélite

passageiros
fora de órbita

não, o poeta não pode subir
também não pode falar
com o síndico pelo interfone
muito menos ficar
embaixo do bloco

o poeta pode se matar?

pode sim, mas sem sujar
o piso e os pilotis



jk não deixou descendentes

o segundo quinto império cerratense
foi então dividido em
pequenos reinos
minúsculos feudos
microscópicos castelos
invisíveis burocratas

SQS
ou
SOS?

eis a
questão!

não ficará carimbo
sobre carimbo

e carimbo sobre carimbo
reconstruiremos a cidade

sem carimbos

não consigo
sair destas palavras:
setor comercial sul

em que banco eu pago
para sair
do setor comercial sul?

em quantas prestações
eu saio do
setor comercial sul?

you quer 50% do meu salário
para me livrar do
setor comercial sul?

dois litros do meu sangue
todos os dias
para me tirar do
setor comercial sul?

para sair do setor comercial sul
faço qualquer negócio

só não vendo a alma

poder executivo
poder legislativo
poder judiciário
poder aquisitivo

PLANALTINA

quando os casarões
desabam sobre mim

senhores turistas,
eu gostaria
de frisar
mais uma vez
que nestes blocos
de apartamentos
moram inclusive
pessoas normais



DELÍRIO DE UM CANDANGO

topamos com uma grande pedra,
um cristal enorme, depois da vala

fizemos de um tudo para mudar
a rodoviária de lugar, porque embaixo
desse cristal tem ouro e embaixo desse
ouro tem diamante

cercaram tudo com arame farpado,
chegou polícia

mais de cem
caminhões de concreto

norte
sul
morte
azul

pra que mapa?

você está em braxília
mas aqui
não está ninguém

enquanto como um pastel
na rodoviária
brasilía é bombardeada

o centro histórico
impiedosamente destruído

um soldado candango passa
e pergunta ao próprio fantasma:
pra que lado
fica a asa norte?

durante as escavações também
foram encontrados clips pré-históricos,
grampeadores de pedra lascada,
crachás em plaquinhas de ouro,
carimbos petrificados,
ministros embalsamados

e ofícios em escrita
ainda não decifrada

eixos
que se cruzam

peessoas
que não se encontram



me aceite, Brasília
clamava o poeta
no deserto
(aqui era um deserto, sabia?)

me aceite, poeta
a cidade
agora implora
(aqui havia uma cidade, sabia?)

os candangos
pegavam na vida
sem luvas

a vida é um fio elétrico
desencapado caído na rua
em noite de chuva

PLANO PILOUCO

duas asas partidas
dois eixos fora dos eixos
dois traços invisíveis
duas pistas falsas

minha plataforma política
é a plataforma da rodoviária

ceilandium
maximum est

ceilandium
centrum est

restum perifericum

PALÁCIO DA JUSTIÇA

bicho,
esse palácio
é a maior
cascata!

como chegar: não se chega
pois não se parte

onde ficar: não se fica
(cidade suspensa)

o que ver: não há nada para ver
pois Brasília
(bem imaterial)
só existe na teoria

como sair: a cidade não tem saída
nem entrada

é labirinto



os candangos
foram então obrigados a morar
fora da cidade fortificada

já os cratasburos
ocuparam a capital logo depois
encontrando a cidade pronta

modelo de cidade?

só fizeram uma

paiê,
que monumento
é aquele?

é o monumento
ao monumento
desconhecido

415 SUL

nunca se deve voltar ao lugar
onde se foi feliz

cidade-mito-maquete
cidade-minto-maquete

cidade-mato-maquete
cidade-mata-maquete

cidade-mini-maquete
cidade-mínima-maquete

cidade-minha-maquete
cidade-em-mim-maquete

os três
poderes
são
um só:

o deles

carente, solitário,
aos domingos à tarde,
ia para a esplanada
só para dar informações
aos turistas

MANOEL BRIGADEIRO

onde fica teu reino
príncipe africano?

no país do samba
do qual sou embaixador

e as tuas credenciais?

talento / simpatia / elegância

nem precisava
ser compositor



A VOZ DO BRAZIL

em Brasília 19 horas noite e dia
em Brasília 19 horas em 15 minutos
em Brasília 19 horas nunca passam
em Brasília 19 horas sem saber pra onde ir
em Brasília 19 horas mudando de estação
em Brasília 19 horas não é nada
em Brasília 19 horas de silêncio
em Brasília 19 horas do segundo tempo
em Brasília 19 horas desde 1500
em Brasília 19 horas procurando outras vozes
em Brasília 19 horas desligando o rádio
em Brasília 19 horas 19 honras 19 taras
em Brasília 19 horas com a mulher do ministro
em Brasília 19 horas nove fora nada a declarar
em Brasília 19 horas esperando ônibus
em Brasília 19 horas de atropelamentos no eixão
em Brasília 19 horas sem escrever um poema
em Brasília 19 horas embaixo do bloco
em Brasília 19 horas sem fim

os fazedores de desertos
se aproximam
e o cerrado
se despede
da paisagem
brasileira

uma casca grossa
envolve meu coração

evangelho da realidade
contra jotakristo
segundo são lucio

naquele dia, jotakristo,
subindo aos céus num pé
de pequi, disse aos candangos:
felizes os que construíram comigo
esta cidade, pois irão todos
para as satélites

brasília é isso mesmo
que você está vendo
mesmo que você
não esteja vendo nada

nossa senhora do cerrado,
protetora dos pedestres
que atravessam o eixão
às seis horas da tarde,
faça com que eu chegue
sã e salvo
na casa da noézia



o que mais
te fascina
em Brasília?

a cidade ou o poder?

o céu

nem tudo
o que é torto
é errado

veja as pernas
do garrincha
e as árvores
do cerrado

brasília são as ruínas de machu picchu
invertidas, cuzco reconstruída,
tiahuanaco inacabada, pirâmide
de teotihuacán ao contrário,
palácio do altiplanalto

atlântida cerratense, cidade perdida
dos dangoscan

a esfinge fita seu espelho: JK

as linhas do eixo monumental
são continuação das linhas de nazca

jk construiu Brasília

os candangos
ficaram olhando

EU ENGOLI BRASÍLIA

em paz com a cidade
meu fusca vai
por esses eixos,
balões e quadras,
burocraticamente,
carimbando o asfalto

e enviando ofícios
de estima e consideração
ao sr. diretor

já é brásilia?

não

apenas
a sensação

eu abro
a porta do quarto

tu chamas os outros

ele mostra a janela

nós pulamos
do quinto andar

vós estais
embaixo do bloco

eles não sabem
o que fazer
com os corpos



molhar o olhar
podar o poder

adubar o ar

pise leve
pois nessa hora
os gramados
sonham

em Brasília
formigas do bem
plantam árvores
e cupins
restauram catedrais

ROSENTAL RAMOS DA SILVA,
O COZINHEIRO DE JK

o que o sr. deseja
para o almoço,
presidente?

peixe vivo

L 2 é pouco
W 3 é demais

quando estou
muito triste,
pego o grande circular
e vou passear
de mãos dadas
com o banco

LÓGICA

LÍRICA

POÉTICA

POLÍTICA

PALEOLÍTICA

PATÉTICA

TÍTICA

fui o primeiro a chegar
em 1957 disse o candango

eu já tô aqui
há uns 200 anos
falou o sertanejo

sou o indígena
ganho de todos

ganha não
eu sou a pedra

para paulo bertran

com licença, carlos

POLÍTICA LITERÁRIA

o poeta da asa norte
discute com o poeta
da asa sul
pra ver qual deles é capaz
de bater o poeta
do plano piloto

enquanto isso, um poeta
de uma cidade-satélite
qualquer tira a lama
do sapato

BRASÍLIA ENIGMÁTICA

brasília, faltam exatos 3.232 dias
para o nosso acerto de contas

me deves um poema
te devo um olhar terno

na beira do paranoá
pego um pedaço de pau
entre um pneu velho
e um peixe morto
(uma garça
por testemunha)

não me reconheces
não te reconheço

anunciaram a utopia
mas foi brasília
que apareceu

antes de construir aqui
o meu barraco, seu moço,
joguei no lote vazio
um punhado de terra
que trouxe lá da paraíba,
misturado com um pouco
de farinha, que assim
esta terra agora
também é minha terra,
seu moço

a língua áspera do bloco
roça os lábios secos
do pilotis

o paranoá saliva

asas são coxas
que se entreabrem

asfaltos eretos
desejam
pubianos gramados

eixos fálicos
defloram
úmidos paranoás

glandes monumentais
penetram
vulvas de mármore

faça um teste
na faixa de pedestre

atravesse sem estresse
como se estivesse
triste em trieste
ou comendo alpiste
em budapeste

ou na L2 sul
em frente
ao colégio setor leste

sobreviveste?

impossível
imaginar
braxília

os que tentaram
- candangos -
foram obrigados
a construí-la

já chegamos?

não

vai demorar?

vai

me acorda
quando chegar?

braxília
também
é sonho



SETOR ALCINA SUL

plano antigo
te namorar

coluna
da minha alvorada

teu quadril, superquadra

sol noturno
lua sempre cheia

pilotis
do meu bloco-corpo

meu eixo

queria (precisava)
sentir alguma coisa

vim em busca
de um abandono,
uma certa carência

sentar nas escadarias
da rodoviária
e ver gente subir e descer,
indo e vindo,
chegando e partindo

e eu me deixando aqui

começa a demolição

quero pra mim
os anjos da catedral

quando deixo o meu amor impossível
na rodoviária, de noitinha, meus olhos
compridos seguem-na até perdê-la no
turbilhão das gentes

imagino meu amor impossível na fila do
ônibus, altiva, altaneira, orgulhosa de si
e de mais um dia de trabalho

os olhares em direção ao meu amor
impossível são muitos — olhares de
cobiça, como os meus
(o olhar dos famintos)

alguém oferece ao meu amor impossível
um pastel, um caldo de cana
ou um chocolate
hoje não, outro dia
(meu amor impossível é educadíssima)

meu amor impossível entra no ônibus,
passa pela catraca — o cobrador finge
que separa o troco, mas olha os seios

do meu amor impossível,
de soslaio, exatamente como eu faço

meu amor impossível senta no banco,
abre um livro enquanto o ônibus não sai
(alguém senta ao lado, indiferente, sem
sequer sonhar que ali está o meu amor
impossível)

distraída, olha desinteressadamente
a paisagem noturna de sempre,
monótona

quantas paradas até chegar em casa?
meu amor impossível conta e diz:
são vinte e oito (ela é sempre muito
precisa)

meu amor impossível chega ao ponto,
desce e caminha mais um pouco
até a sua casa

invariavelmente encontra algum
conhecido no caminho, cumprimenta,
um papo rápido, um alô

quando meu amor impossível
entra no seu quarto
qual a surpresa?

este poema a lhe dar as boas-vindas

poemas são letras em fila esperando embarcar na sua imaginação não empurra

O POEMA NÃO É UM CURATIVO

periferidas são essas casas
sem cascas
onde sangra o dia a dia

periferidas são essas molduras
descascadas
em volta do quadradinho

periferidas
não têm feridas preferidas

qualquer dor serve

enterrem
meu coração
na areia
do parquinho
da 415 sul

e deixem
meu corpo
boiando
no lago paranoá

cerrado invade
sufoca cidade

tira cerrado
troca paisagem

cimenta tudo
asfalta o céu

VÉU INVISÍVEL, TÚNICA DE PRATA

a noite joga seu manto de estrelas
(como uma tarrafa)
sobre a cidade

cubra a alma de Brasília
e a proteja

aqueça meus irmãozinhos
que dormem na rodô

DRUMMOND BRASILIENSIS

brasília, e agora?

com o avião na pista
quer levantar voo
não existe voo
quer se afogar no lago
o lago secou
quer falar com o presidente
mas ele viajou
quer se esconder no cerrado
o cerrado acabou
quer ir pra goiás
goiás não há mais

brasília, e agora?



aqui não havia nada
só um grande vazio
um deserto

aí inauguraram a capital
e o cerrado apareceu
logo depois

assim cantavam
os primeiros e últimos
bardos khan dan guz

tudo era puro chão
(finíssima poeira
entrando pelos poros)

tudo era pura lama
(limpíssima água
que bebíamos
com alegria)

tudo era sonho
tudo era ilusão

falta um bloco na minha quadra
como falta um dente
em minha boca

meu bloco é redondo
como um cubo
azul como uma laranja

bloco k
k pra nós k de poesia

BERNARDO SAYÃO

fui na frente,
abrindo caminho

sabia que a morte
me espreitava,
invejosa, de longe

quando inaugurei
o campo da esperança
ela já não estava
mais lá

o guardador de carros
do estacionamento do jumbo
da 502 sul é meu amigo

(isso é poesia? pergunta um membro
qualquer da academia)

só sei que o sorriso dele é poesia
a gentileza dele é poesia
o sofrimento dele é poesia

o seu não é

falta dente
sobra unha

em cada não-esquina
de Brasília
um bloco a menos
na boca quadrada

a oferta de sangue
a procura da agulha

teias de arame
costuram nuvens

quem te fecundou?
homens ou máquinas?
candangos
ou extraterrestres?
retas ou chapadões?

já veio em forma de luz?
– subterrânea e bruta –
ou apenas
ideia pontiaguda?

Brasília rompe
o hímen do chão do cerrado
e surge, aos poucos

nascer é devagar



INDÍGENA GALDINO

tarde da noite
fogo no açoite

cinzas na manhã

a pele da cidade queima
e não é grama

MANCHETE DE 2050

objetos voadores
não identificados
sobrevoam Brasília

(eram duas borboletas)

a última coisa
que eu quero fazer
em Brasília é morrer



Capa do livrinho mimeografado *Iogurte com Farinha*, impresso gloriosamente no Colégio Setor Leste, em agosto de 1977, na semana da morte de Elvis Presley.

Os poemas deste livro foram selecionados dos títulos na página a seguir.



Poesília, 2002



Braxília Revisitada, 2004



Brasília, 2010.
Editora Língua Geral



Brasífra-me, 2013



A Teus Pilotis, 2014



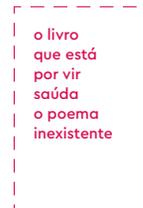
Rasília, 2020



Braxília não-lugar,
2023. Luna Parque
/Fósforo Editora



Rodô: poesia passageira,
poemas sem destino,
2023





Mosaico na Biblioteca Demonstrativa de Brasília

Criado pelos *Loucos de Pedra*, com o artista Gougon na liderança, este mosaico esteve exposto, de 2005 a 2019, na lateral da Biblioteca Demonstrativa Maria da Conceição Moreira Salles, entre a 506 e 507, na W3 sul, em Brasília-DF.

NICOLAS BEHR

Nikolaus von Behr nasceu em Cuiabá, em 1958. Estudou o primário em Diamantino-MT e mudou-se para Cuiabá aos 10 anos. Queria ser geólogo, arqueólogo ou historiador. Vive em Brasília desde 1974. Três anos depois, lançou seu livrinho mimeografado, *logurte com Farinha*, o primeiro de muitos. Participou ativamente da chamada poesia marginal. Em 1978, aos 20 anos, foi preso e processado pelo DOPS por porte de material pornográfico (seus livrinhos!), sendo julgado e absolvido em 1979. A partir de 1980, passa a trabalhar como redator em agências de publicidade e se engaja no movimento ecológico. Em 1986, começa a trabalhar na FUNATURA – Fundação Pró-Natureza, onde fica até 1990, dedicando-se profissionalmente desde então ao seu antigo *hobby*: produção de espécies nativas do cerrado, através da Pau-Brasília viveiro eco.loja, ainda hoje em atividade, no Polo Verde, Lago Norte.

Volta a publicar a partir de 1993, com *Porque Construí Brasília*. Em 2004, no livro *Nicolas Behr – Eu Engoli Brasília* – volume I da Coleção Brasilienses – o jornalista Carlos Marcelo traça seu perfil biográfico. Em 2008, seu livro *Laranja Seleta* (Língua Geral) – foi finalista do Prêmio Portugal Telecom de Literatura. O filme *Braxília* (17 minutos), de 2010, da cineasta Danyella Proença, um ensaio sobre a relação do poeta e sua cidade, ganhou vários prêmios em festivais de cinema pelo mundo. Sua obra tem sido objeto de várias dissertações pelo país. Em 2015, o Instituto de Letras da Universidade de Brasília instituiu o *Prêmio Nicolas Behr de Literatura*. Criou o stand-up literário *O Caça-Niki*, tendo o meio literário como pano de fundo, unido humor e literatura. Adora Brasília e muitos dos seus livros podem ser baixados gratuitamente na página: www.nicolasbehr.com.br

Catálogo na Publicação (CIP)

B421p Behr, Nicolas
Poesia, galera! / Nicolas Behr – Brasília :
FAC: Fundo de Apoio à Cultura, 2024.
108p. ; 15cm × 11,5cm.

ISBN 978-65-01-03376-1

1. Literatura infantojuvenil – Poesia – Brasília.
2. Literatura brasileira – Poesia – Brasília.
3. Antologia de poemas – Nicolas Behr. I.Título.

CDD: B869.1

Bibliotecária: Pâmela Bastos Machado CRB6/3070

Fonte Cera Pro

Papel Avena 80 g/m²

Impressão Teixeira Gráfica e Editora

Tiragem 6.000